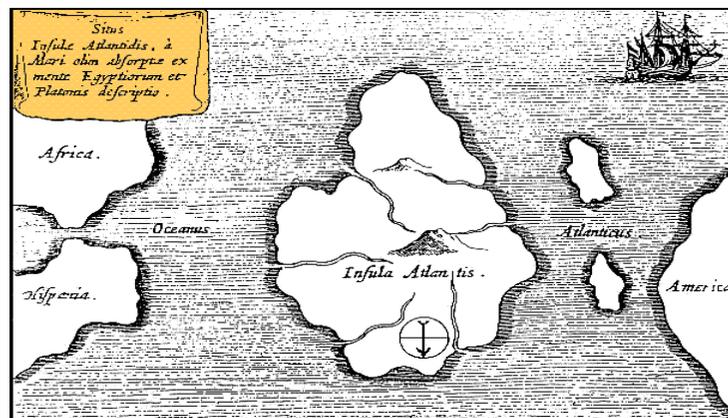


**CADERNOS DE ESTUDOS
AÇORIANOS**
REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA

CADERNO # 24 - edição junho 2014
DEDICADO A Maria das Dores Beirão



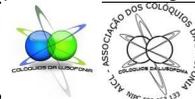
CADERNO # 24 - edição junho 2014

DEDICADO A Maria das Dores Beirão

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia - Chrys Chrystello editou este número

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



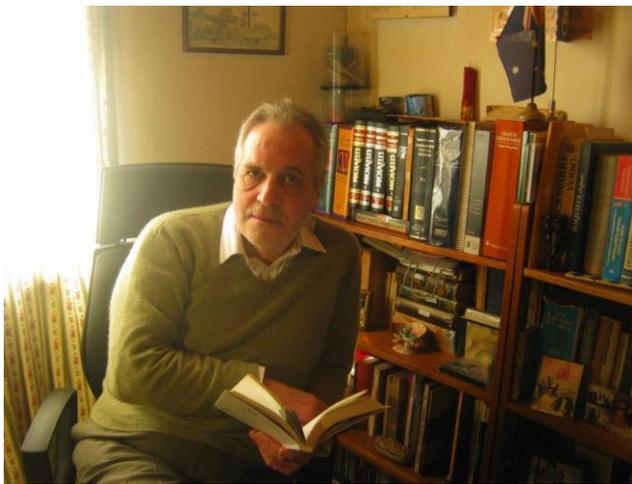
Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua

conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superstrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...“*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos CADERNOS já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis: **Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Emanuel Félix, Fernando Aires, Joana Félix, José Martins Garcia, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo (nome artístico do pintor e escritor Vasco Pereira da Costa), Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Mário Machado Fraião, Norberto Ávila, Onésimo T. Almeida, Tomaz Borba Vieira, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Soares, e hoje damos voz à escritora expatriada na diáspora MARIA DAS DORES BEIRÃO.**

MARIA DAS DORES BEIRÃO



Hoje, depois de tantas décadas e com tanta distância pelo meio, penso na Ilha onde tudo nasceu e olho para “Ela Ilha” com a sua forma arredondada de fêmea vigiada pelo mar amante, que não a perde de vista, que a domina ou acarinha consoante o seu desejo.

- Excerto de O Mundo Açoriano quinta-feira 30 de janeiro 2014

Nasci e cresci na Ilha, fui criança, rapariga e mulher, fui esposa e mãe. Nela aprendi todos os afetos que colhi como se fossem aquelas flores que semeava no jardim, para depois as colocar na jarra em cima da cómoda, a diferença é que essas flores murchavam, ao contrário dos afetos que nasciam espontâneos nos canteiros do coração.

Foi na ilha que aprendi a amar, no seio duma família humilde, onde o sentimento do amor era oferecido sem que o nome fosse pronunciado. O verbo amar nunca era conjugado, mas o seu significado dispensava palavras, entendia-se no olhar duma mãe, no gesto carinhoso e apressado dum pai, na partilha dum irmão.

Mais tarde já mulher, outros afetos novos e desconhecidos, tomam conta e completam a minha vida. Hoje, depois de tantas décadas e com tanta distância pelo meio, penso na Ilha onde tudo nasceu e olho para “Ela Ilha” com a sua forma arredondada de fêmea vigiada pelo mar amante, que não a perde de vista, que a domina ou acarinha consoante o seu desejo.

Vejo-a submissa e humilhada, vejo-a vaidosa e alegre com os seus vestuários coloridos de primaveras, rosada e envergonhada com os galanteios dos estios quentes.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

Outras vezes noto a revolta e desespero que o mar lhe impõe e com tremores de raiva encara-o de frente e desafia-o. Pede ajuda às nuvens que a tentam distrair com imagens míticas e desabafa num choro que lhe dá alívio e oferece ao mar as lágrimas que ele provoca.

Como macho arrependido, o mar procura beijá-la com muita ternura e mansidão, ela não resiste. Sente-se enfeitiçada pelas marés pintadas de azul branco que a tocam com meiguice, então torna-se coquete, abana seus cabelos, canta, ri e até esquece os tormentos que ele provoca. Mas é assim o amor desta fêmea, que ama a solidão e se chama Ilha.

Como mãe, pensa nos filhos e filhas que a abandonaram, muitos e muitas com a ajuda do mar que não desiste de os convidar a levá-los para longe. Ela então veste-se de cinzento, canta a saudade e espera pelo regresso que por vezes tarda.

No entanto tenho a certeza que se sente grata por saber que mesmo na ausência nunca a esqueceram. Até penso que posso afirmar que ela sabe que o amor deles e delas aumentou, que nunca a esquecem e nada exigem, que por bem, e tudo são capazes de fazer por ela. Mesmo assim à distância, imagino-a triste porque sabe que talvez não os trata como merecem, que os que continuam no seu colo não conseguem compreender o quanto devem a quem partiu.

Eu, mulher que vivi e deixei a Ilha, sinto-me na Ilha, não necessito o mar à volta, posso ser ilha num vale vinhateiro, numa terra que de alheia, passou a ser minha e assim evito o choramingar das saudades. Bem depressa compreendi que só aqui descobri o valor, a audácia a grandeza da minha gente.

Ver um filho ou filha da Ilha, era logo motivo de alegria, era mais uma raiz que transplantava no meu jardim ilhéu. Pode parecer frieza o que digo, mas talvez seja uma outra maneira de amar a Ilha, de a ter sempre presente, de não necessitar de olhar à volta, basta apenas virar-me para dentro, e encontrá-la como a deixei, inocente, solitária, inconstante e imprevisível, ora alegre a brincar com o sol, fazendo ciúmes ao mar que logo reagia com mil carinhos, ora segredando com a lua, ou então triste e tempestuosa, desafiando o universo.

Esta é a minha ilha, a ilha que me inspira e me alegra, com ela aprendi a ser diferente...amar sem medo, nunca dizer adeus, mas sim: Até à volta.

(*Título original: Ser Ilha*), **MARIA BEIRÃO**, Poeta da Terceira, Açores; residente na Califórnia, EUA



DEOLINDA M. ADÃO, PHD, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY, CALIFORNIA STATE UNIVERSITY, SAN JOSE
OBRAS PUBLICADAS

- (2003). *Beijo de abelha*. San Jose. Portuguese-Heritage Publications.
(2010). "A função do Espírito Santo, vivências da família Beirão de Napa". IV Congresso Internacional das Festas do Espírito Santo. PHPC. San Jose. Califórnia
(2017) *José Ribeiro : um modesto da Ribeirinha = a modest from Ribeirinha* / org. e texto Liduíno Borba ; pref. Maria das Dores Beirão; trad. Alexandra Grilo. - [s.l.] : Turiscon, 2017. - 368 p.: il. 20 cm. - (Improvisadores; 21). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-989-8569-30-1

Atualização da bibliografia em
<https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

PORTUGALIDADE E UNIVERSALIDADE EM MARIA DAS DORES BEIRÃO

Um das questões que tem vindo a orientar a minha investigação durante os últimos anos relaciona-se com a forma como cada indivíduo ou grupo desenvolve estratégias para construir a voz através da qual expresse a sua capacidade criativa, as suas alegrias, e as suas angústias. Ou seja, como desenvolve o seu processo de autoconstrução.

Em qualquer hipótese, este processo é sempre complexo e sujeito a inúmeras influências sociais, políticas, religiosas e culturais que contribuem para o estabelecimento dos parâmetros de identidade eventualmente adotados pelo indivíduo ou grupo em questão. Mas essa complexidade é ainda mais multifacetada quando o processo se desenvolve dentro do contexto da emigração, pois também frequentemente inclui a construção de estratégias de sobrevivência e adaptação à sociedade e à cultura do país de acolhimento.

O fenómeno da emigração é inerentemente marcado por processos de transculturação, desterritorialização e reterritorialização e como tal o que se pretende neste estudo é ponderar as negociações socioculturais evidenciadas na produção artística de emigrantes.

Para este fim, este trabalho visa fazer uma abordagem da poesia e prosa de Maria das Dores Beirão, a partir do livro Beijo de Abelha publicado em 2003. A nossa leitura, que será orientada por noções de construção de identidade feminina desenvolvidas por teóricas como Spivak e Trinh Minh-ha, assim como noções de hibridismo cultural e identitário e de reterritorialização, tentará estabelecer a sobreposição e interligação destes discursos na obra de Maria das Dores Beirão e estabelecer o diálogo entre a vertente universalista e a saudosista patente na mesma.

É pois nossa intenção, demonstrar que em Maria das Dores Beirão a universalidade está diretamente vinculada, se não enraizada na sua construção de Portugalidade desde um espaço pluricultural, que simultaneamente desconstrói e reconstrói parâmetros de feminilidade que por sua vez são o eixo sobre o qual circulam os elementos identitários

utilizados pela autora para o seu processo de autoconstrução como Portuguesa, como imigrante e como mulher.

Maria das Dores Beirão nasceu nos Açores na Ilha Terceira onde completou o curso de magistrado e começou a sua carreira de professora primária. Em 1967 emigrou com o seu esposo para a Califórnia, mais especificamente para o Vale de Napa, onde ainda reside. Tem três filhos e três netos. Desde a sua chegada à Califórnia tem mantido uma relação muito próxima com a comunidade portuguesa residente no norte da Califórnia e tem participado ativamente em muitas atividades sociais e culturais, especialmente as relacionadas com música tradicional dos Açores.

Tem igualmente mantido uma relação constante com a expressão literária no norte da Califórnia como colaboradora de várias publicações e periódicos. Muitos destes textos dispersos foram reunidos em 2003 quando da publicação de Beijo de Abelha.

No prefácio a Beijo de Abelha José Luís da Silva descreve o texto da seguinte forma:

A presente obra de Maria das Dores Beirão representa uma nova visão na literatura luso-americana pelo seu equilíbrio e clarividência. Numa pequena coletânea de poemas e prosa poética, a autora consegue retratar magistralmente o seu processo de adaptação à experiência da emigração, ao mesmo tempo que vai dando uma imagem autêntica de si própria. (7).

De uma forma ou outra todos os textos inseridos em Beijo de Abelha, (2003)³ abordam o tema da saudade, e da des/reterritorialização.

Assim, podemos encontrar diversas facetas destas noções mesmo nos textos que parecem ter uma temática que se distancia dos temas referentes à terra natal e familiares deixados atrás, como é o caso do poema *Mulheres Minhas Irmãs* que, embora claramente se insira na vertente universalista da autora, apresenta características da “saudade” dentro dos parâmetros do Saudosismo de Teixeira de Pascoais,⁴ ou seja saudade de um futuro em que a igualdade de género é já uma realidade consumada a todos os níveis e em todos os lugares.

³ Beirão, Maria das Dores. Beijo de Abelha. San José, CA: Portuguese Heritage Society of California, 2003.

⁴ Pascoais, Teixeira. Arte de Ser Português. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1998. 74-76.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

MULHERES

*Mestras de suas filhas
E das filhas de outras mulheres
Que já perderam a voz
Ah minhas irmãs
Fabricantes de vergonha e de humilhação
Mulheres do mundo inteiro
Operárias da criação
Levantai os braços em sinal de vitória
De força de beleza
Mulheres do todo o mundo
Mulheres de todas as cores
Mulheres de todas as classes
Mulheres de todas as crenças
É urgente!
Vamos recomeçar a luta!
Já lá vão séculos de tanto uso
De tanto abuso
Nada há para vender
Nada há para comprar
Vamos vencer as injustiças
Vamos proclamar a paz
Estender as mesas p'ra penúria
Das crianças de todos os lugares
Vamos enfim ser mulheres
corpo de terra que germina
corpo de mar que embala
chuva de mel
que adoça a sementeira.*

Neste poema de denúncia e de chamada à ação, que pode ser considerado um manifesto de feminilidade, a autora explicitamente estabelece uma relação entre ela e

todas as mulheres do mundo. Ou seja, aqui a desconstrução espacial está relacionada com o espaço do feminino, e com a identificação de uma irmandade universal que subverte tempo e espaço. Não obstante, como podemos facilmente evidenciar pelos títulos da maioria dos textos inseridos nesta coletânea, muitos destes estão diretamente vinculados com a ausência dos lugares e pessoas amados pela autora e deixados atrás no local de origem. Assim, poemas como *Canto da Décima Ilha*, que trata da reconstrução da insularidade no local de acolhimento:

*Sou desta Ilha, Décima de rimas,
De poetas loucos, língua inventada.
Navega serena em marés de espuma,
Minha Ilha Mãria reencontrada.” (17);*

MINHA GENTE É MINHA ILHA:

*Minha Gente é minha ilha
que trago bem escondida
no meu lenço de cambraia
que acenei na despedida”(19);*

A CASA QUE JÁ NÃO É:

*A casa que já não é
Todavia permanece
No sonho de cada um” (27-29);*

ILHA:

*Ilha fêmea, escrava da tua solidão
sapateia em terra de Bravos
cercada p'lo mar amante
e já de mim tão distante
que p'ra me calar, então*

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

me envia a saudade
em vão!" (31-32);

RETRATO DO JOSÉ DA LATA:

*Saudades da vida
que apressada passou.
Prelúdios da morte
que pouco demorou. (37)*

Como podemos evidenciar, mesmo nos poemas diretamente vinculados com o local de origem, a presença e a reivindicação do feminino aparecem frequentemente e a vários níveis.

Para além dos poemas, Beijo de Abelha inclui ainda pequenas prosas líricas, nomeadamente *O Velho Álbum* e *Vocês Não Sabem* na qual a autora claramente define o que é para ela a saudade e apresenta uma identidade claramente híbrida:

Vocês não sabem que o ilhéu leva consigo a Ilha, não às costas como pesadela, mas como pérola formada pela saudade na concha do coração. Vocês não sabem que o emigrante, onde quer que viva, cria espaços que lh'falam doutros espaços abandonados no nevoeiro da sua memória. (...) Vocês não sabem que os filhos e os netos do emigrante, embora com fraco domínio da língua portuguesa, são criados escutando a nossa música, os nossos contos, absorvendo a cultura e os valores dos pais (...) Vocês não sabem que a maior diferença entre quem parte e quem fica é que quem parte ama a dobrar. Vocês não sabem... (60)

Portanto, o que Maria das Dores Beirão parece dizer-nos, é que a totalidade cultural de saudade só é verdadeiramente conhecida por aqueles que partem. Pelos imigrantes de primeira geração, os que conhecem no corpo a dor da ausência e do desterro. Talvez a razão pela qual este vocábulo tenha um peso cultural tão signficante na cultura portuguesa, seja precisamente, porque os portugueses, mais que qualquer outro povo, tem sido sujeito a partidas e longas ausências desde os primórdios do século XV. Em suma, em Maria das Dores o termo saudade paradoxalmente engloba ternura e dor e está diretamente vinculada com a memória.

Em conclusão, o processo desenvolvido por Maria das Dores Beirão ao utilizar a escrita para recuperar as memórias do passado, e se apodera de elementos socioculturais do país de acolhimento, para além de claramente ilustrar uma apoderação de novos territórios de género e de identidade individual, representa uma tentativa na parte da autora de se autoconstruir através do processo de construção da narrativa.

No seu percurso de vida Maria das Dores ocupa múltiplos e por vezes antagónicos espaços culturais e como tal através dos seus textos surge como uma entidade híbrida que inclui marcos identitários de ambas culturas no seu processo de autoconstrução.

Como podemos claramente evidenciar nos trechos que abordamos, a autora utiliza diversas formas para desenvolver esse processo de autoconstrução, por vezes fá-lo através de uma ligação com o seu local de origem, outras estabelecendo uma forte ligação com o local de acolho, no entanto é a sua condição de mulher e a forma como o seu deslocamento geográfico e o seu processo de reterritorialização reestrutura os parâmetros socioculturais que determinam a sua noção de feminilidade.

Resta-nos concluir que Maria das Dores Beirão, através dos poemas e textos que inclui em Beijo de Abelha, exerce uma tentativa de se autoconstruir através da aglutinação cultura do seu passado, presente e futuro.

Assim, Maria das Dores Beirão não pode deixar de construir textos híbridos, pois esse é precisamente o único espaço dentro do qual ela pode construir a sua própria identidade individual e cultural.

UMA GOTA DE MEL ADOÇA OCEANOS: UM OLHAR PELA POESIA DE MARIA DAS DORES BEIRÃO - DINIZ BORGES

*A poesia está mais perto da verdade do que a história
Platão*

A poesia tem sido, indubitavelmente, o género literário preferencial por aqueles que um dia deixaram as ilhas dos Açores, e ao plantarem novas raízes em terras do Eldorado, continuaram ou descobriram a sua criatividade literária. É através da poesia, muita de cariz popular, como nos explicam Eduardo Mayone Dias e Donald Warrin no seu trabalho pioneiro, *Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia*, que tivemos uma miríade

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

de criatividade literária que soube expressar os dilemas, o sofrimento, as alegrias e os triunfos dos nossos primeiros anos em terras da Califórnia.

Mas não foram apenas os emigrantes de um tempo, que para nós já é longínquo, que utilizaram a poesia. Em tempos mais recentes, fruto do último êxodo de emigração dos Açores, nomeadamente o êxodo das décadas de 1960 e 1970, também a poesia foi, e em alguns casos continua a ser, o género preferido.

Uma dessas vozes é a de Maria das Dores Beirão. Uma voz literária que combina o popular e o erudito numa simbiose que beira a perfeição. Uma voz que luta pela dignidade da mulher, que canta a saudade da sua terra sem a tornar numa choradeira, que assume, na plenitude, sem pedir desculpa e perdão, a sua condição de emigrante. Uma voz doce como o mel da abelha, mas que de vez em quando também sabe dar a sua ferroadada.

Maria das Dores Beirão, tal como nos diz no seu primeiro livro *Beijo de Abelha*, nasceu na freguesia de São Bento, freguesia limítrofe de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira. Completou o curso do liceu e o Magistério Primário, lecionando durante cerca de nove anos.

Em 1967, trocou a brisa da sua terra pelos ventos da Califórnia. Aqui no Eldorado, depois de ter estado durante alguns anos ligada ao ensino, na área da educação para crianças com dificuldades de aprendizagem, dedicou-se, à empresa da família. Mas esta mulher, genuinamente terceirense, cedo se dedicou aos acontecimentos culturais da vida dos emigrantes açorianos em terras californianas.

Em parceria com o seu marido Hélio Beirão, tem levado a nossa cultura a muitos cantos deste colossal estado. E cedo também se dedicou à poesia. Os seus poemas, e a sua prosa poética, têm estado nas páginas dos jornais de língua portuguesa que se publicam aqui na Califórnia, particularmente o jornal *Tribuna Portuguesa*, que João Brum trouxe à luz do dia há mais de 25 anos.

Em 2003, como primeiro livro coleção *Décima Ilha* da editora Portuguese-Heritage Publications, publica este seu primeiro trabalho, *Beijo de Abelha*, o qual se pode

sintetizar com as palavras que José Luís da Silva, também ele poeta da diáspora açoriana, utilizou no prefácio que escreveu: “*A presente obra de Maria das Dores Beirão representa uma nova visão da literatura luso-americana pelo seu equilíbrio e clarividência.*”⁵

É essencialmente isso: um livro que marca a nossa criatividade poética, em língua portuguesa no estado da Califórnia, pela translucidez, diria mesmo pela forma cristalina como penetra alguns dos assuntos mais pertinentes da emigração açoriana. Ou o que a escritora Alicia Gaspar de Alba escreveu num dos seus belos poemas: “*We are writing the waters of grief, the tides of language that tossed us out of our country of our innocence.*”⁶

E é precisamente com um grito às mulheres de todo o mundo que Maria das Dores Beirão abre o seu livro de poesia. Não é por mero acaso que este é o primeiro poema da coletânea. É que ao longo deste livro de 63 páginas estão inúmeras referências à sua condição de mulher emigrante.

No hino que dá por título “Mulheres, Minhas Irmãs”, há um sentido das injustiças a que as mulheres têm sido, e continuam em muitos casos, a serem sujeitas. No poema, depois de cantar a especificidade de cada mulher em cada continente, passa para uma chamada de atenção, diria mesmo, uma súplica, às mulheres de todo o mundo para recusarem o legado que os homens quiseram impor-lhes. É assim o grito da poeta:

*Mulheres do Mundo inteiro
operárias da criação
levantai os braços em sinal de vitória
de força de beleza
Mulheres de todo o Mundo
mulheres de todas as cores
mulheres de todas as classes
mulheres de todas as crenças*

*É urgente!
vamos recomeçar a luta!*

⁵ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, página 3

⁶ Alicia Gaspar de Alba, *La Llorona on the Longfellow Bridge poetry e outras móvidas*, 1986-2001, Houston, Arte Púbdico Press, 2003

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

*Já lá vão séculos de tanto uso
de tanto abuso
nada há para vender
nada há para comprar*

*Vamos vencer as injustiças
Vamos proclamar a paz
estender as mesas p'ra penúria
das crianças de todos os lugares*

*Vamos enfim ser mulheres
corpo de terra que germina
corpo de mar que embala
chuva de mel
que adoça a sementeira⁷*

Como se viu, estamos perante um poema que foge à regra da poesia típica da nossa emigração. Estamos perante um cântico de quem está consciente das injustiças que ainda se praticam no mundo contra as mulheres e da necessidade que há em que a mulher tenham a sua própria voz e não permaneça como Alzira Silva escreveu no prefácio da coletânea *A Mulher nos Açores e nas Comunidades*:

...votada ao silêncio da história e da sua própria voz, na penumbra da domesticidade, apenas reconhecida no sopro de vida que a maternidade lhe confere, a mulher cruza séculos como súbdita, seja esposa, concubina, auxiliar, religiosa. Aclamar vencedores, chorar vencidos, manter os frágeis equilíbrios da descendência, mas nunca definir a evolução social.⁸

É esta mesma condição que Maria das Dores Beirão faz eco e grita bem alto porque a poeta sente que há que registar mudanças. E essas mudanças, embora de forma

muito subtil, e até mesmo irónica, estão patentes já quase no fim do livro em dois textos de prosa poética, emblemáticos da sua forma de ser mulher num mundo que nem sempre sabe apreciar a beleza e a força das mulheres. Um dos textos tem o título de “Flores para as Mães” e há nele uma amalgama de metáforas, extremamente bem construídas, em torno das flores, da composição de cada uma, dos cheiros e das texturas.

O outro texto, com o título “A Uma Amiga”, é uma prosa extremamente bem construída com um alto sentido de ironia, recriado a partir da morte de uma pessoa de amizade. É um belo texto onde o beijo da abelha se mistura com a tal picada que só a poesia pode permitir sem ferir. É o caso desta frase: “o sacerdote recitou as Ave-Marias da tua crença numa língua que nunca aprendeste...” ou a seguinte: “*Tanta escassez na vida! Tanta dádiva na morte!*”⁹

Mas *Beijo de Abelha* é, sobretudo, um livro da emigração. E a sua autora assume essa condição sem complexos. No poema *Lenda das Modas*, a autora, inspirada na riqueza do folclore terceirense, apresenta-nos um cântico metafórico da história da emigração açoriana para o mundo norte-americano, particularmente, a história do último êxodo, o das décadas de 1960 e 1970, provocado, como se sabe, pelas guerras coloniais em África, e pela condição que o poeta Álamo Oliveira descreveu em 1986 num belíssimo ensaio escrito para um congresso sobre a emigração dos Açores: “*a emigração (a dos Açores) tem outras causas e outras consequências: as que a poesia refere, nomeadamente na dicotomia, fome/abundância.*”¹⁰

E desses sonhos da nossa emigração, dos seus dilemas e dos seus triunfos, fala, abertamente, a poesia de Maria das Dores Beirão, particularmente a referida *Lenda*:

*De cachine domingueiro
e chinela de verniz,
a Charamba aventureira,
ao decidir embarcar,
quase nem olhou p'ra trás
querendo ser a primeira.*

⁷ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, páginas 14-15

⁸ Rosa Maria Neves Simas, coordenadora. *A Mulher nos Açores e nas Comunidades*. Ponta Delgada. Edição da coordenadora, 2003, página 1

⁹ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, pp. 53-54

¹⁰ Álamo Oliveira, “Da emigração - poesia e pombos da rocha” in II Congresso das Comunidades Açorianas, Comissão Preparatória do II Congresso das Comunidades Açorianas, Angra do Heroísmo, 1986, página 567.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

*Mas quando chegou ao cais,
San Macaio alvoroçado
já se havia feio ao mar,
la partir, e com ele,
trajando roxo, a Saudade,
sua fiel companheira.*¹¹

No começo desta Lenda que Maria das Dores escreveu há vários anos está patente a história da emigração das nossas ilhas açorianas. O desejo da partida para um outro mundo porque as ilhas, apesar da sua beleza paradisíaca, eram lugares de muita pobreza. Daí que é importante entender-se a palavra aventura, logo na primeira estrofe do poema, como um passo imprescindível para o desconhecido e não como, e citando de novo o poeta Álamo Oliveira: *“aventureirismo congénito, de almas emplumadas de anseios universalistas, de imperativos de insularidade...”*¹²

A autora está consciente que a emigração marcou os Açores e que apesar de se ter partido com pouco, muitos com nada e alguns até com algumas dívidas, havia sempre o sonho do regresso, que como se sabe raramente aconteceu. E daí o imperativo de aparecer na jornada das modas tradicionais do folclore terceirense, uma das músicas e letras mais emblemáticas que alimentava os sonhos: a Doce Esperança. É que só assim eram suportáveis os lamentos de uma Saudade que embora nem sempre chorasse apertava e doía:

*A Doce Esperança falava
De um futuro melhor
E, quem sabe, de um regresso
Que talvez já não tardasse*¹³

Mas como se disse anteriormente, o regresso raramente chegava. A maioria plantava raízes na ruralidade e nas pequenas e grandes cidades da Califórnia. Muitos nem tão pouco para morrer voltaram à ilha. A Califórnia ficou sendo a nossa casa. E daí que a Lenda passa pela metamorfose natural a que muitos emigrantes foram submetidos. E

apesar da *“chegada ter sido dorida”*¹⁴ raramente é um processo sem sofridos e penados, pouco a pouco há a transformação necessária e até em alguns casos, particularmente com a emigração da década de 1970, e com uma América mais aberta ao multiculturalismo, registou-se o orgulho pela diferença, o qual é celebrado na seguinte estrofe:

*Os Olhos Pretos tornaram-se
vaidosos e lisonjeiros
por tão raros se sentirem
entre os nativos azuis
e os castanhos estrangeiros*¹⁵

E a partir desta evolução acontece a recriação, nem sempre perfeita, entenda-se, que os açorianos têm feito nas zonas onde se estabeleceram. Nas últimas duas estrofes Maria das Dores Beirão fala das nossas vivências açor-americanas, da movimentação necessária para que a cultura, sempre viva e evolutiva, se misture com a miríade de culturas que compõem este fascinante mosaico norte-americano.

É que tal como escreveu Julia Alvarez, oriunda da Republica Dominicana, mas criada nos Estados Unidos: *“estamos num mundo móvel; as fronteiras estão a derreter-se; as nacionalidades em mudança, por vezes e por razões devastadoras. Uma perspetiva multicultural é cada vez mais a forma de se perceber o mundo.”*¹⁶

E é com essa pertença aos dois mundos, com essa aglomeração de várias culturas, com que a autora termina o seu cântico:

*Agora, de novo unidas.
as Modas sentem-se bem.
Não esqueceram as asas
do imaginário Açor
dos velhos cantos Ilhéus,
mas aprenderam a amar*

¹¹ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, página 39.

¹² Álamo Oliveira, “Da emigração - poesia e pombos da rocha” in II Congresso das Comunidades Açorianas, Comissão Preparatória do II Congresso das Comunidades Açorianas, Angra do Heroísmo, 1986, página 568.

¹³ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, página 40.

¹⁴ idem

¹⁵ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, página 41.

¹⁶ Julia Alvarez, *Something to Declare*. Nova Iorque, Plume, 1999, página 173.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

*o potente voo da águia
de outros céus.*

*Não esqueceram as hortênsias
que bordam as suas ilhas,
mas colhem com ternura
as papoilas douradas
que matizam os campos
da sua aventura.¹⁷*

Após esta “Lenda das Modas” Maria das Dores parte para outros poemas sobre a emigração, como a “Canção da Despedida” e “Velho Álbum” entre outros. E é também a partir desta simbiose que parte para um texto poético e crítico sobre as análises primárias, às vezes maléficas, que se fazem da nossa emigração, ora por desconhecimento, ora por malignidade e depreciação.

Todos nós que vivemos na emigração somos conhecedores dos discursos oficiais, e não oficiais, que através dos anos têm roçado o vitupério. Daí que a poesia também tem que fazer frente a essas correntes nocivas, porque tal como disse algures o poeta norte-americano Allen Ginsberg: “a única forma de salvar o mundo é emendar a conceção que se tem do mundo. É isso que o poeta faz.”

E a nossa autora açor-californiana não tem receio em chamar a atenção de todos quantos olham para os emigrantes como pobres diabos que um dia saíram da sua terra com uma saca remendada, e que em terras americanas, perante os olhos desses entendidos, desses pseudo-estudiosos da emigração e dos fenómenos culturais americanos, ficaram mais pobres.

No texto poético “Vocês não Sabem” há um queixume forte que começa por alertar para a diferença do emigrante, para a transmutação que ocorre no seu mundo, para as vivências que existem na sua família e na sua relação com o mosaico humano e cultural que o rodeia. Porque, como escreveu Salman Rushdie, o trabalho do poeta, é

também, o de: “tomar posições, instigar um debate importante para o mundo, fazer com que o mundo não adormeça.”

A autora, apesar de residente no vale de Napa, uma das poucas zonas onde não vivem muitos emigrantes açorianos, há muitos anos se dedica à vida cultural das nossas comunidades e por ser uma perspicaz observadora da emigração, e conhecedora das parvoíces que se dizem em ambos os lados do atlântico, é audaz no alerta que dirige aos mais desatentos, que infelizmente ainda são muitos, para elementos que poderão ser básicos, mas têm sido, obscurecidos:

*Vocês não sabem que o emigrante, por sair da sua
Terra, não deixou de crescer e que o seu crescimento
Foi feito em tempos e espaços diferentes, que o tornaram
Um ser diferente, mas não inculto...*

*Vocês não sabem que os filhos e netos do emigrante,
Embora com fraco domínio da língua portuguesa, são
Criados escutando a nossa música, os nossos contos,
Absorvendo a cultura e os valores dos pais e dos avós e,
Quando lhes falam de origens, respondem com orgulho:
Sou Português...*

*Vocês não sabem que, nos empregos, nas escolas,
Na vizinhança, nas igrejas, o emigrante vai semeando
Pedaços da sua essência, perpetuando a sua cultura.¹⁸*

A poesia é, essencialmente, o que disse Carl Sandburg: “um eco convidando uma sombra dançar.” Daí que Maria das Dores Beirão termine esta prosa poética relembrando-nos que toda esta reclamação baseia-se na especificidade de ser emigrante, que define como uma: “duplicidade de afetos e lealdades, que o tornam mais sensível e mais justo.”

¹⁹ Porque para a poeta, neste nosso mundo que foi composto por partidas com escassos retornos, “quem parte ama a dobrar.”²⁰

¹⁷ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, página 42.

¹⁸ Maria das Cores Beirão, *Beijo de Abelha*, San Jose, Portuguese-Heritage Publications, 2003, página 60.

¹⁹ Idem, pp. 60

²⁰ idem

Commented [CC1]: Não foi possível alterar automaticamente esta palavra

Commented [CC2]: Não foi possível alterar automaticamente esta palavra

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

A autora não é uma poeta de ressentimentos nem de acusações banais. A sua crítica vem dum desejo profundo de que os emigrantes, todos os emigrantes, sejam entendidos como seres cuja diferença não pode ser interpretada meramente levianamente ou mesmo em tons depreciativos. É que em cada um dos seus poemas, e em cada um dos textos de prosa poética, há sempre um grande sentido de justiça, uma abertura à diferença, e uma luta constante pela dignidade humana.

A poesia que Maria das Dores Beirão compilou no seu *Beijo de Abelha* é um testemunho da criatividade que o emigrante trouxe das ilhas dos Açores para terras norte-americanas. É uma comprovação de que, ora em português, ora em inglês, as comunidades possuem um manancial de talentos e vozes que têm muito que nos dizer sobre esta condição de açor-americanos.

A universalidade da poesia de Maria das Dores Beirão parte do íntimo relacionamento que tem com o seu povo e da visão que o universal é local, e vice-versa. Mais é mais do que evidente que Maria das Dores Beirão acredita, veementemente, na sugestão que um dia foi dada pela autora peruana, que há muitos anos vive nos Estados Unidos, Isabel Allende, para a qual é imperativo que se escreva *o que não se deve esquecer*.

Ainda bem que Maria das Dores Beirão não se esqueceu, e escreveu, porque o *Beijo de Abelha* que nos deu adoçará os nossos oceanos, enchendo-os da esperança que queremos continuar a ter numa comunidade, e num mundo, com muito mais mel.

VOCÊS NÃO SABEM

Vocês não sabem, que o ilhéu leva consigo a Ilha, não às costas como pesadelo, mas como pérola formada pela saudade na concha do coração.

Vocês não sabem que o emigrante, onde quer que viva, cria espaços que lhe falam doutros espaços abandonados no nevoeiro da sua memória.

Vocês não sabem que o emigrante, por sair da sua terra, não deixou de crescer e que o seu crescimento foi feito em tempos e espaços diferentes, que o tornaram um ser diferente, mas não inculdo.

Vocês não sabem que, quando alguém da terra o visita, é como se fosse a Ilha inteira. O coração exalta-se, as portas abrem-se e a toalha da alegria é posta na mesa da

partilha.

Vocês não sabem que o emigrante, quando visita a terra, é para ver a face enrugada da Ilha, para abraçar familiares e amigos que deixou, para saborear os paladares da sua infância, para cheirar aromas da sua meninice, para molhar os ossos no mar da sua ternura.

Vocês não sabem que os filhos e netos do emigrante, embora com fraco domínio da língua portuguesa, são criados escutando a nossa música, os nossos contos, absorvendo a cultura e os valores dos pais e dos avós e, quando lhes falam de origens, respondem com orgulho: sou Português.

Vocês não sabem que, nos empregos, nas escolas, na vizinhança, nas igrejas, o emigrante vai semeando pedaços da sua essência, perpetuando a sua cultura.

Vocês não sabem que o emigrante sofre duma duplicidade de afetos e lealdades, que o tornam mais sensível e mais justo.

Vocês não sabem que as suas lágrimas são mais salgadas, o seu riso mais alegre, a sua gargalhada mais estrondosa, a sua fala mais genuína e o seu abraço mais forte.

Vocês não sabem que a maior diferença entre quem parte e quem fica é que quem parte ama a dobrar.

Vocês não sabem...



AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24



A AUTORA ENQUANTO PROFESSORA PRIMÁRIA NA ILHA TERCEIRA



INFÂNCIA NA ILHA TERCEIRA



LANÇAMENTO DE BEIJO DE ABELHA, EM VANCOUVER, CANADÁ



LANÇAMENTO EM SAN JOSE NA CALIFÓRNIA



MINHA GENTE É MINHA ILHA

Minha gente é minha Ilha,
Que trago bem escondida
No meu lenço de cambraia
Que acenei na despedida

Nos olhos da minha gente
Vejo hortênsias e giesta,
Em tapetes matizados,
No chão, em dias de festa.

Nas suas mãos calejadas
De temporais e procelas,
Toco as pedrinhas queimadas
E as boninas amarelam.

No seu riso entendo os ritmos
Do seu bater do pezinho.
Nas suas lágrimas, ondas,
O mar a falar baixinho

Minha gente é vinho doce,
Pão do bodo sobre a mesa.
Minha gente é minha ilha
Redondinha de beleza.

CANTO DA DÉCIMA ILHA

Sou desta Ilha, soma de tantas;
Pedra, vulcão de saudade.
Ilha de lava a queimar de amor,
Corpo de gente, (rubro de) liberdade.

Sou desta Ilha, que é arco-íris
Rasgando o céu da águia escura,

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

Que é cor de tantas e me faz feliz.
E imagina o mar em névoas de lonjura.

Sou desta Ilha, feita de mil vozes,
Toadas de calor, Sol de Lá sem Dó,
No Sol Maior da sua ternura,
Gritando silêncios numa voz só.

Sou desta Ilha, Décima de rimas,
De poetas loucos, língua inventada.
Navega serena em marés de espuma.
Minha ilha mátria reencontrada

VIOLA, MINHA RIVAL

Sonhada pelo Leal,
Por suas mãos construída,
És a única rival
Que encontrei na minha vida.

Pelas mãos do meu amado
És porém acariciada.
O que sou eu a teu lado?
Pobre de mim, não sou nada!

Quando, nas mãos dele, choras,
Cantas, gemes tresloucada,
O que sou eu a teu lado?
Pobre de mim, não sou nada!

Mas eu não te quero mal:
És fascinante e mimosa
Viola, minha rival,
Ó minha rival ditosa.

Gosto de ti, viola amada
Porque o fazes tão contente.
Se junto de ti sou nada,
Quando te escuto, sou gente.

Vejo-te, viola mulher,
Ao seu peito aconchegada.
Quero estar do mesmo jeito,
Quando fores por mim trocada.



*Quando, nas mãos dele, choras,
Cantas, gemes tresloucada,
O que sou eu a teu lado?
Pobre de mim, não sou nada!*

*Mas eu não te quero mal:
És fascinante e mimosa
Viola, minha rival,
Ó minha rival ditosa*

*Gosto de ti, viola amada
Porque o fazes tão contente.
Se junto de ti sou nada,
Quando te escuto, sou gente.*

*Vejo-te, viola mulher,
Ao seu peito aconchegada.
Quero estar do mesmo jeito,
Quando fores por mim trocada.*

*Maria das Dores Beirão
(in Beijo de Abelha)*

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24



MARIA DAS DORES BEIRÃO

"A CASA QUE JÁ NÃO É" ...A CASA QUE JÁ NÃO É

Há uma casa
Na vida de cada um
Paredes húmidas ao fundo
Com quadros de gente nossa
De trajos estranhos
Penteados de outras eras
E olhares que nos perseguem
Parados no tempo
Há uma casa
Que permanece
Nos sonhos de cada um
...

Há uma casa na distância
Como se fosse um mistério
Por decifrar ...



COM JOSÉ ENES E JOÃO DE BRITO



COM ALZIRA SILVA E DEOLINDA ADÃO

LENDA DAS MODAS

De cachiné domingueiro
e chinela de verniz,
a Charamba aventureira,
ao decidir embarcar,
quase nem olhou p'ra trás
querendo ser a primeira.
Mas quando chegou ao cais,
San Macaio alvoroçado
já se havia feito ao mar.
Ia partir e, com ele,
trajando roxo, a Saudade,
sua fiel companheira.
Apressada,
descuidada,
de vestido cor de rosa,
suas galochas bordadas
e sua saca de chita,
veio logo a Doce Esperança
prometer-lhes companhia.
Mas má viagem tiveram!
A Saudade lamentava
a ausência e a distância
que o mar imenso alargava
entre ela e o cais, a ilha
que já perdera de vista.
A Doce Esperança falava
de um futuro melhor
e, quem sabe, de um regresso
que talvez já não tardasse.
A chegada foi dorida!
Sentiram falta do mar
e das noites estreladas,
do sossego e pequenez,
escassez das coisas da ilha.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 24

Mas a Saudade convida
o Pèzinho e a Bela Aurora,
Chamarrita e Olhos Pretos
a Lira e a Sapateia.
Mal chegara,
a Chamarrita gaiteira
trocara a galocha pelo sapato
o trabalho pela folia
e decidira bailar a vida inteira.
E a coquete Bela Aurora
passava horas sem fim
penteando os seus cabelos
com seu pente de marfim.
Os Olhos Pretos tornaram-se
vaidosos e lisonjeiros
por tão raros se sentirem
entre os nativos azuis
e os castanhos estrangeiros.
Romântico e sonhador
o Meu Bem
depressa se esqueceu da sua amada,
que lá continua à espera
de duas linhas, coitada.
A Lira não disse nada,
a ninguém mandou recado
que da ilha tinha partido.
Ate correu o boato
que a Lira tinha morrido.

A Sapateia, louvado!
Foi a última a chegar.
Com medo da despedida,
partiu sem avisar.
Agora, de novo unidas,
as Modas sentem-se bem.
Não esqueceram as asas
do imaginário Açor

dos velhos contos ilhéus,
mas aprenderam a amar
o potente voo da águia
de outros céus.
Não esqueceram as hortênsias
que bordam as suas ilhas,
mas colhem com ternura
as papoilas douradas
que matizam os campos
da sua aventura.



MARIA DAS DORES A RECITAR ÁLAMO EM SACRAMENTO, CALIFÓRNIA

Homenagem a Hélio e Dores Beirão

www.youtube.com/watch?v=hJk4oZN671A

pelo Grupo Nove Ilhas

http://xpollo.com/epic/ict.php?site_id=14&slot_id=14&redirect=http%3A%2F%2Fspeedwhat.com%2Findex.php%3Futm_campaign%3Dxp2%26utm_medium%3Dbanner468%26utm_source%3Dxpollo

Todas as edições em www.lusofonias.net



COM ALZIRA SILVA

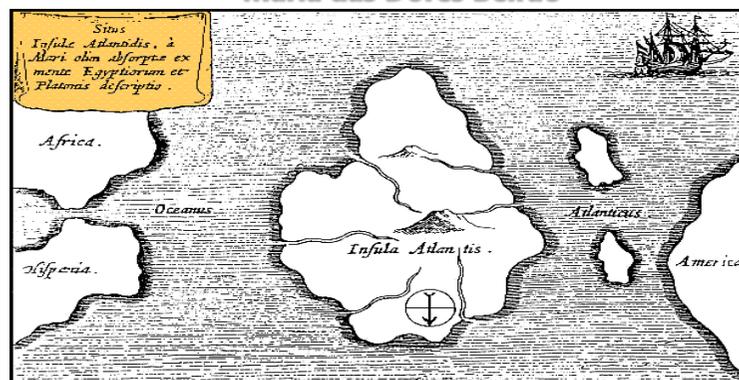


COM ÁLAMO OLIVEIRA E MARCOLINO CANDEIAS

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 24 - edição junho 2014

Maria das Dores Beirão



Editor AICL-Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello editou este número)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA